



O panorama do ensino a distância nos cursos de graduação em biblioteconomia no Brasil

Helen Beatriz Frota Rozados
Andreza Lemke de Souza

Resumo: Disserta sobre pesquisa realizada com o objetivo de mapear o estado de arte do ensino a distância no Brasil, relacionado à área da Biblioteconomia, em nível de graduação. Traça um breve histórico da EaD no Brasil, das suas raízes anteriores à web e surgimento em outros países. Apresenta conceitos de EaD segundo a legislação brasileira, instituições e autores da área, assim como suas vantagens perante o ensino presencial. A pesquisa proposta foi de abordagem quanti-qualitativa, de cunho exploratório, envolvendo os 35 cursos de Biblioteconomia existentes, presenciais e a distância. Um questionário *online* contendo questões abertas e fechadas, produzido através da ferramenta *Google Forms*, foi o instrumento de coleta de dados, que ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2015. Das instituições contatadas, 15 responderam o instrumento (40% do total), destas, 13 estão ligadas à instituições de ensino público e 2 a ensino privado. Juntas as Regiões Sudeste e Sul somaram 12 cursos (80% dos respondentes), sendo que as demais regiões representaram 1 curso cada. Quando questionadas se no curso era utilizada alguma plataforma para ensino a distância, mesmo sendo apenas como auxiliar ao ensino presencial, 12 responderam afirmativamente e 3 que não utilizam. Sobre quais plataformas eram utilizadas, a pesquisa mostra a preferência pelo Moodle, com 10 indicações. As duas outras plataformas citadas foram o SIGAA e o Quantum. Entende-se que essa investigação visa contribuir para o melhor entendimento da educação a distância da Biblioteconomia no Brasil e incentivar a ampliação do uso desta modalidade de ensino nos cursos da área. E que, de forma tímida, a Biblioteconomia está se abrindo para o ensino a distância.

Palavras-chave: Ensino a distância. Biblioteconomia. EAD. Graduação em Biblioteconomia.

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) alteraram a forma de comunicação, trabalho, pesquisa e, certamente, a de ensinar e de aprender. A popularização dos computadores e o desenvolvimento de redes interconectadas, aliadas às possibilidades cada vez maiores de interação entre os atores, permitiu que o ensino-aprendizagem ocorresse de forma não presencial, sem fronteiras geográficas e



limitações temporais. Essa modalidade de ensino, chamada de ensino a distância (EaD), vem crescendo sistematicamente e ocupando os diferentes níveis da educação formal (e informal), indo do ciclo básico à pós-graduação.

No Brasil, os primeiros registros da EaD datam da década de 20, na busca de mão de obra mais qualificada. A partir dos anos 90, a popularização da Internet impulsiona os cursos a distância e os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) passam a incrementar e valorizar a EaD. (BELLONI, 2009).

A criação de cursos de Biblioteconomia em nosso País, ao longo dos anos, não tem sido muito frequente. No entanto, estes cursos têm buscado manter seus currículos alinhados com as expectativas do mercado, as indicações do Ministério de Educação (MEC) e atualizados com a tecnologia. Neste sentido, a inserção de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) foi um caminho natural como apoio às disciplinas e atividades pedagógicas dos mesmos. Percebe-se que seu uso difunde-se e se ousa afirmar que hoje é utilizado em larga escala nos cursos de Biblioteconomia brasileiros.

Buscando entender a inserção do ensino a distância na área da Biblioteconomia desenvolveu-se uma pesquisa, cujos resultados aqui estarão apresentados, realizada sob os auspícios da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Edital 20, com o objetivo de mapear o estado de arte do ensino a distância no Brasil, relacionado à área da Biblioteconomia, em nível de graduação. Os dados foram coletados entre janeiro e fevereiro de 2015, através de formulário eletrônico. Entende-se que essa investigação vem a contribuir para o melhor conhecimento da adoção da educação a distância no Brasil, nessa área do conhecimento, e incentivar a ampliação do uso desta modalidade de ensino nos cursos já existentes e nos que poderão ser criados.

1.1 Ensino na modalidade a distância

O ensino a distância, hoje conhecido pela sigla EaD – que, segundo Belloni (2009), é empregada tanto para Educação a Distância quanto para Ensino a Distância, não é uma modalidade recente. Maia e Mattar (2007) indicam que alguns autores



consideram as cartas de Platão e as Epístolas de São Paulo como as primeiras experiências de educação a distância. Mas, em geral, os autores relacionam o aparecimento da EaD ao emprego de tecnologias de impressão, ou seja, à invenção da imprensa.

A UNESCO entende a educação a distância como educação sem fronteiras, definindo-a como “[...] um ambiente de ensino aberto, flexível, adaptado às diversas necessidades de aprendizagem e facilmente acessível a todos em distintas situações.” (s.d., p.1).

Esta forma de ensino é conhecida por diversas denominações. Maia e Mattar (2007) exemplificam com os Estados Unidos, que o denominam como estudo em casa, o Reino Unido, definindo-o como educação por correspondência, a França, que o intitula telensino e Portugal, teleducação. No entanto, todas estas denominações convergem para uma configuração similar de educação. Ele inicia na Inglaterra e se expande pela Europa e Estados Unidos, tendo seu grande impulso na década de 1960 (RUSSO, 2012; RUBIO CARBÓ, [1998?]). Partindo de características e ferramentas utilizadas, a literatura aponta que é possível mapear o desenvolvimento da EaD em três fases, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Fases de desenvolvimento da EaD, segundo Maia e Matar (2003)

Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos
Primeira	Ensino por correspondência	Escrita, meios impressos, transporte por meio de ferrovias, carros, aviões
Segunda	Novas mídias e universidades	Correios e velhas mídias, (rádio, televisão, vídeo, fita cassete)
Terceira	EaD <i>online</i>	Internet, MP3, AVA, vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais virtuais, fóruns

Fonte: Adaptado por Vilaça (2010), baseado em Maia e Matar (2003)



Moore e Kearsley (2008) dividem os diferentes momentos da EaD em cinco gerações, conforme indicado no Quadro 2.

Quadro 2: Fases de desenvolvimento da EaD, segundo Moore e Kearsley (2008)

Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos
Primeira	Ensino por correspondência	Materiais impressos, livros e apostilas utilizando ferrovias, carros, aviões
Segunda	Transmissão por rádio e televisão	Rádio, televisão, vídeo, fita cassete
Terceira	Universidades abertas	Materiais impressos, televisão, rádio, telefone, fita cassete
Quarta	Teleconferência	Teleconferência interativa com áudio e vídeo
Quinta	Internet/web	Internet, MP3, AVA, vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais virtuais, fóruns

Fonte: Adaptado por Vilaça (2010), baseado em Moore e Kearsley (2008)

A observação de ambos os quadros permite verificar que Moore e Kearsley (2008) concordam com a primeira e terceira geração indicadas por Maia e Matar (2003), propondo apenas uma divisão mais detalhada da segunda geração. Tomando por base o Quadro 1, observa-se que a primeira geração da EaD caracteriza-se pela adoção de cursos por correspondência, no qual o aluno recebe o material solicitado em casa - conteúdos e exercícios sobre o tema a ser estudado. No Brasil, o Instituto Universal Brasileiro oferecia cursos através de materiais impressos enviados pelo correio.

A segunda geração, a partir dos anos 1970, continua com o foco principal nos materiais impressos, mas é acrescido do uso de vídeos, programas da televisão e material similar. É o momento, no Brasil, da implementação do Telecurso e também quando começam a surgir, na Europa e nos Estados Unidos, as primeiras Universidades Abertas. Na terceira geração, a tecnologia está totalmente integrada, os alunos utilizam os mais diferentes recursos de comunicação, interação, escrita colaborativa, por meio de



computadores e outros equipamentos eletrônicos conectados à Rede, com ênfase na mobilidade em comunicação.

Ao comentar sobre as perspectivas desta modalidade de educação, Peters (2003, p. 29) entende que ela irá “[...] se desenvolver e se fortalecer”, expandindo cada vez mais, tornando-se, inclusive, [...] uma parte indispensável de toda a educação superior na maioria das universidades do mundo.”. E complementa: “Seu custo benefício relativo será decisivo neste processo, especialmente nos países ‘em desenvolvimento’”. Isto pode ser percebido ao se verificar que, hoje, a tendência é da maioria das universidades tradicionais complementarem seus métodos de ensino incluindo técnicas de educação a distância, por meio do uso crescente de ambientes informatizado e de redes.

A aprendizagem a distância possibilita o aprendizado e o compartilhamento de saberes, com extrema velocidade, personalização, subjetividade, permitindo que, na sociedade da informação e do conhecimento, os indivíduos comuniquem-se e estabeleçam uma relação única em busca de saberes comuns. Provavelmente por estas possibilidades é que, na atualidade, a Comunidade Europeia utiliza o ensino e o aprendizado a distância como forma de fortalecer a economia dos países-membros e facilitar a cooperação entre eles na área de educação e treinamento.

1.2 EaD no Brasil

Para a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), a “[...] EaD é a modalidade de educação em que as atividades de ensino-aprendizagem são desenvolvidas majoritariamente (e em bom número de casos exclusivamente) sem que alunos e professores estejam presentes no mesmo lugar à mesma hora”.

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a EaD foi reconhecida como modalidade de ensino por meio do artigo 80: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.”(BRASIL, 1996). Já pelo Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005 (que revoga o Decreto 2.494/98 e regulamenta o Art. 80 da Lei



9.394/96), Educação a Distância é a “[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.” (BRASIL, 2005). A possibilidade de um aprendizado aberto permanente e a legislação constituída oportunizou o estabelecimento e a expansão dessa modalidade de ensino nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Para entender a EaD é necessário compreender a ideia de distância enquanto separação espacial (geográfica/local) entre atores de um processo educacional – alunos, professores ou tutores (GOUVÊA; OLIVEIRA, 2006; TORI, 2010; CARLINI; TARCIA, 2010), “[...] durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem ou ensinam” (MOORE; KEARSLEY, 2008, p.1).). Esta separação pode ocorrer de diferentes formas, sejam todos separados fisicamente ou alunos reunidos em um local físico, diferente do professor, que ocupa outro local físico. Também se deve considerar que estes mesmos atores possam acessar cursos, materiais e recursos didáticos em locais e momentos diferentes.

Valente e Mattar (2007, p.19), observam que questão do distanciamento físico entre os participantes “[...] não implica em distanciamento humano, complementando que “[...] a EaD, portanto, possibilita a manipulação do espaço e do tempo em favor da educação” (p.20). Tori (2010), referindo-se ao emprego de tecnologias interativas no ensino e na aprendizagem, considera as potencialidades da internet como elemento que elimina distâncias. Lobo Neto (2001), por sua vez, destaca que a educação a distância é uma alternativa de mediação na construção da sociedade e através do seu caráter massivo poderá possibilitar emergência das culturas locais e comunitárias.

Essa modalidade de ensino estabeleceu-se no Brasil, na década de 1920, desenvolvendo-se ao longo dos anos, conforme mostra o Quadro 2. Sua expansão é provada por censos e pesquisas realizadas no País, conforme se aborda na sequência.

Quadro 3: História EaD no Brasil, no século XX



Data	Fato marcante
Década 20	Criação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquette Pinto
1939	Instituto Monitor
1941	Instituto Universal Brasileiro
1947	Universidade do Ar – fundada por SENAC e SESC e Emissoras Associadas
1970	Projeto Minerva
1977	Telecurso – da Fundação Roberto Marinho

Fonte: Adaptado por Vilaça (2010), baseado em Maia e Mattar (2007); Carlini e Tárzia (2010)

Segundo o Censo da Educação Superior de 2013, mais um milhão de alunos estão matriculados em cursos a distância, o que significa 15,8% das matrículas em ensino superior são em cursos de EaD. Pelo Censo, o País oferece mais de 1,2 mil opções nesta modalidade, havendo equilíbrio na oferta dos cursos a distância entre os diferentes graus acadêmicos, tendo o predomínio da participação das universidades privadas: 86,6% de participação. A licenciatura é o grau acadêmico que mais registra concluintes nesta modalidade de ensino.

Por outro lado, os dados apontam que entre 2011 e 2012 as matrículas em curso superior avançaram 12,2% nos cursos a distância e em 2013 este percentual passa a 15% do total de matrículas, contra 3,1% nos presenciais nos anos de 2011 e 2012. Dos estudantes que optaram pela modalidade a distância, 72% estão matriculados em universidades, 23% em centros universitários. Nos anos de 2011 e 2012, a maioria dos matriculados no ensino superior a distância (40,4%) cursa licenciatura, sendo que 32,3% optaram por bacharelados e 27,3% por cursos tecnológicos. Estes dados comprovam a consolidação do ensino a distância em cursos de ensino superior. De acordo com o Censo, a maior parte das matrículas em EaD está na rede privada (83,7%) e é oferecida por universidades (72,1%). Os centros universitários detêm 23%. Nos anos de 2011 e 2012, a maioria dos matriculados no ensino superior a distância (40,4%) cursa



licenciatura, sendo que 32,3% optaram por bacharelados são e 27,3% por cursos tecnológicos. Também é a licenciatura que mais registra concluintes nesta modalidade de ensino. Em onze anos a oferta de cursos em EaD cresceu vinte e quatro vezes¹.

Sobre esses dados, o diretor da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), Carlos Longo, declarou à Reuters: “A tendência é o número de alunos dobrar nos próximos cinco anos.”, complementando que o setor ainda tem pela frente duas décadas de prosperidade no crescimento de alunos e que, durante este tempo, o perfil dos estudantes presenciais não deve concorrer com os do EaD. Esta possibilidade foi reforçada pelo presidente da Associação Brasileira das Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES), Sólton Caldas, em entrevista ao chat Trading Brazil, (vinculada a Thomson Reuters) quando afirmou que: “O ministro (da Educação) Henrique Paim demonstrou interesse por parte do governo em fomentar essa modalidade de ensino, até mesmo para atender a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) sobre a expansão do ensino superior, que hoje está muito aquém do previsto.”. (ENSINO ..., 2014).

Nesta mesma linha, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) realizou pesquisa intitulada *Retratos da Sociedade Brasileira: educação a distância*, divulgada no primeiro semestre de 2014. Ao mesmo tempo em que a pesquisa revelou um grande potencial para o desenvolvimento do mercado de educação a distância, mostrou que ainda há muitas barreiras culturais a serem superadas. Pelos dados coletados, 92% da população brasileira nunca fez nenhum tipo de curso a distância, a despeito do crescimento desta modalidade de ensino, do aprimoramento de vários recursos e do aumento da facilidade de acesso à internet. Por outro lado, esta realidade mostra-se diversa quando comparada à educação básica e superior, ao pontuar que 17% dos entrevistados com grau superior de educação já fizeram alguma atividade ou curso a distância.

¹Dados disponíveis em: http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/brasil-teve-mais-de-7-milhoes-de-matriculas-no-ano-passado



Em pesquisa realizada em 2005, foram entrevistadas 1.200 pessoas com ensino médio completo e que ainda não cursavam o ensino superior. Na ocasião, 82% dos entrevistados manifestaram-se contrários a este tipo de modalidade de ensino, configurando-se um índice ainda maior nas classes socioeconômicas mais elevadas e entre os jovens. Em 2011, aplicando o mesmo instrumento, com o mesmo perfil de jovens e nas mesmas regiões, esta taxa de rejeição caiu para 38%, indicando uma crescente aceitação junto às classes socioeconômicas mais altas e ao estudante mais jovem.

Tomando por base as duas pesquisas, a publicação *Bússola Semanal* avaliou que ainda há muitas barreiras e preconceitos a serem superados em relação à educação a distância, inclusive em nível superior. Ressalta que um aspecto a ser considerado na pesquisa CNI é o fato de 43% acreditar que a EaD funciona e 34% acreditar que não funciona, sendo que 23% não souberam responder. No entanto, entre os respondentes com ensino superior, 52% acreditam que funciona e 35% que não funciona (13% não sabem) (HOPER, 2014).

A mesma fonte avalia que a rejeição tem diminuído consideravelmente nos últimos anos, o que significa que há um potencial de expansão e crescimento a ser explorado e que “[...] as IES têm papel fundamental nessa mudança e quebra de preconceitos, uma vez que podem implantar cada vez mais cursos superiores a distância de qualidade.” (HOPER, 2014).

A importância dessa forma de ensino é colocada por Niskier (1999, p.16) quando postula que a EaD é “[...] um dos únicos mecanismos com o qual o País pode lançar mão para diminuir as diferenças sociais e dar dignidade a seu povo”. Uriarte (2003) complementa que este modo de ensino preenche dificuldades relacionadas ao ensino presencial, como o número de alunos por sala de aula, números de vagas reduzidas, além de transpassar barreiras geográficas, permitindo o acesso a localidades longínquas, assim como a cursos não existentes na localidade.

A Universidade de Brasília possuía convênio com a *Open University* e ofereceu cerca de 14 cursos a distância no período de 1979 a 1989. Também tiveram experiências no ensino a distância a Universidade de São Paulo (USP), a Pontifícia Universidade



Católica de Campinas (PUCCampinas). A criação em 2006, da Universidade Aberta do Brasil (UAB), vem impulsionar o ensino de qualidade a distância no Brasil e, em 2009, um Acordo de Cooperação Técnica entre o Conselho Regional de Biblioteconomia (CFB) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) torna-se um marco com a criação do curso de graduação em Biblioteconomia a distância. No entanto, esta modalidade já era adotada de forma parcial em cursos de graduação em Biblioteconomia, que oferecem disciplinas (obrigatórias ou optativas) totalmente nesta modalidade ou utilizando os AVAs em disciplinas presenciais.

2 MÉTODO DA PESQUISA

A proposta, e posterior aceite, para essa investigação foi apresentada ao Edital 20 da Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SEAD/UFRGS), no quesito – Linha de Pesquisa, no segundo semestre de 2014. A metodologia apresentada baseou-se em abordagem quanti-qualitativa, sendo de cunho exploratório. O universo da pesquisa englobou os cursos de Biblioteconomia existentes, autorizados pelo MEC e em funcionamento, levantados com base em informações coletadas por meio do Google, da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), da Associação Rio-Grandense de Biblioteconomia (ARB), do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e do Ministério de Educação (MEC). Através destes mesmos canais foram levantados outros dados que subsidiaram a pesquisa, como endereços eletrônicos, currículos, responsáveis pelos cursos e demais informações necessárias à investigação. Chegou-se ao total de trinta e cinco (35) instituições de ensino superior (IES) com curso de graduação presencial em Biblioteconomia e uma (1) com curso totalmente a distância, em funcionamento.

Como instrumento de coleta de dados definiu-se um questionário *online*, produzido através da ferramenta *Google Forms*, com questões abertas e fechadas, encaminhado a todos os cursos presenciais e ao a distância, entre janeiro e fevereiro de 2015. A análise dos dados quantitativos foi realizada pela referida ferramenta e as



contribuições advindas das questões abertas, de forma manual. Os resultados obtidos são comentados na sequência.

Como limitações, salienta-se a questão do pouco tempo para sua realização, o que obrigou a fazer a pesquisa de campo em época de férias nas instituições, pese o fato de que muitas tinham estado em greve e estes períodos não coincidiram entre todas e estes fatos também podem explicar o baixo retorno obtido em questionários respondidos, mesmo após terem sido reenviados.

3 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Das trinta e cinco (35) instituições contatadas, quinze (15) preencheram o instrumento, totalizando cerca de 43% do total. Dos 15 cursos respondentes, 13 estão ligados às instituições de ensino públicas e 2 a privadas. Juntas as Regiões Sudeste e Sul somaram 12 cursos, ou seja, representaram 80% dos respondentes, sendo que as demais regiões abarcaram 1 curso cada uma.

Quando questionadas se no curso de Biblioteconomia da instituição era utilizada alguma plataforma para ensino a distância, mesmo sendo apenas como auxiliar ao ensino presencial, 12 cursos responderam afirmativamente e 3 informaram que não utilizam. Estes últimos estão localizados nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Para complementar esta questão questionou-se quais plataformas eram utilizadas. Dez (10), dos doze (12) cursos que utilizam essas plataformas, apontaram o Moodle como a adotada. Os dois outros Ambientes Virtuais de Ensino (AVA) citados foram o SIGAA e o Quantum. A pesquisa aqui confirmou o que a literatura tem assegurado: que o Moodle é a plataforma de ensino a distância mais aceita atualmente e não apenas pelo Brasil.

Também a pesquisa procurou saber que percentual aproximado de disciplinas presenciais (obrigatórias ou optativas) utilizavam, como apoio acadêmico, plataformas de ensino a distância. O uso de AVA em 100% das disciplinas (ou seja, em todas as disciplinas, incluídas aqui as a distância e as presenciais) só foi preenchido por um dos cursos, localizado na Região Sul. Salienta-se que o referido curso é na modalidade presencial, já que na mesma Região há um curso em modalidade totalmente a distância



que, certamente, também teria este percentual de oferta de disciplinas a distância, mas que foi um dos que não enviou o questionário preenchido. Quatro outros questionados o utilizam em 10% das disciplinas e 3 outros em 20%. Os percentuais de 40%, 60% e 80% foram indicados cada um por um respondente.

Dois cursos de bacharelado dispõem de disciplinas de forma totalmente a distância nos cursos presenciais, sejam elas obrigatórias ou eletivas. Em uma das instituições, é a disciplina obrigatória *Sistemas de Organização do Conhecimento II*, nos turnos manhã e noite. A mesma instituição apontou que também é ministrado conteúdo teórico da disciplina de *Estágio Supervisionado*, componente obrigatório. Em ambos os casos são oferecidas apenas para o curso de Biblioteconomia. Em outra instituição, cinco (5) são as disciplinas oferecidas na modalidade EaD: *Gestão do Conhecimento*, de cunho obrigatório; *Bibliotecas Digitais*, *Informação em Mídias Digitais*, *Organização de Bibliotecas Escolares* e *Organização de Bibliotecas Públicas*, como optativas. As três primeiras são disponibilizadas também para os cursos de Museologia e/ou Arquivologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação permitiu visualizar um pouco do estado da arte do ensino a distância no contexto dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, apesar da participação não tão expressiva dos envolvidos.

Pela leitura dos autores que deram suporte à pesquisa e pela análise dos dados coletados, é possível deduzir que a quantidade restrita de cursos de Biblioteconomia totalmente a distância ou, ainda, do uso de AVA como apoio ao ensino presencial pode ser causadas por, pelo menos, três fatores: preconceito com este tipo de educação; entendimento de que este tipo de ensino possa não ter qualidade; falta de capacitação de professores e tutores para enfrentar a tecnologia que um ambiente a distância disponibiliza. Acredita-se, ainda, que a problemática maior encontra-se neste último item. No entanto, em nossa concepção, essa situação tende a se alterar em um futuro próximo. Este fato é salientado por Rabello e Haguener (2011), ao constatarem que o



aprendizado eletrônico (e-learning) e, mais recentemente, a aprendizagem móvel (m-learning), estão mudando de forma expressiva os ambientes e contextos de aprendizagem.

Essa expectativa pode ser confirmada a partir das políticas públicas para educação, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), que oferece bolsas de estudos em faculdades particulares, incluindo a modalidade EaD e a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que é gratuita e vem contribuindo para que o ensino de qualidade chegue a todos os pontos do País, principalmente por meio de cursos de licenciatura e capacitação de professores.

O crescimento por meio de novos polos, a criação de novos cursos são fatores que também contribuem para o avanço do EaD nas empresas de educação. Neste sentido, vale complementar com algumas informações recentes, obtidas através de contatos pessoais em eventos da área de Biblioteconomia e pesquisas realizadas na internet.

No momento da realização da pesquisa já havia um curso de Biblioteconomia na modalidade à distância. Não foi incluído nos resultados desta investigação, uma vez que, mesmo contatado por e-mail e telefone, não se obteve retorno aos questionamentos encaminhados. Os dados sobre este curso, oferecido pela Universidade de Caxias do Sul, foram levantados a partir da web página do curso e de notícias veiculadas em fontes confiáveis, disponíveis na Internet. Pelas informações coletadas, o referido curso tem a duração de quatro anos, totalizando 2655 horas e disponibilizando 120 vagas por entrada. Está em funcionamento desde o primeiro semestre de 2013 e uma segunda turma iniciou em 2015.

Após a realização da pesquisa, dois outros cursos, também aprovados pelo MEC, foram identificados. Um deles, oferecido pela Universidade Salgado de Oliveira – Universo², com sede em Minas Gerais, está no seu terceiro semestre de funcionamento. Tem duração de sete (7) semestres, com um total de 2655 horas e aulas presenciais a

²Dados disponíveis em: <http://online.universo.edu.br/polos/biblioteconomia>



cada 15 dias. O outro, baseado na UNOXAPECÓ³ (Santa Catarina), está com previsão de aula inaugural para a primeira turma para fevereiro de 2016. Terá duração de sete (7) semestres, totalizando 2.625 horas de curso e cem (100) vagas para ingresso em duas entradas de 50 alunos. Além destas, está em processo de implementação o curso de Biblioteconomia na modalidade a distância da Universidade Aberta do Brasil (UAB) a partir de acordo firmado com o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).

A constatação de que as plataformas de ensino virtual vêm proliferando, o número de alunos, especialmente no ensino superior e cursos tecnológicos, vem crescendo sistematicamente, bem como os cursos oferecidos nesta modalidade, comprova que há uma marcada tendência à expansão e ao fortalecimento desta modalidade de ensino. As atualizações dos dados sobre os novos cursos de Biblioteconomia na modalidade a distância, aqui colocados, reforçam o que a pesquisa mostrou, ou seja, que mesmo de forma tímida, a Biblioteconomia está se abrindo para o ensino a distância, com nítida tendência à expansão.

Desta forma, espera-se que esta investigação tenha contribuído para um conhecimento maior do ensino da Biblioteconomia e das perspectivas que este ensino sinaliza, a partir das tecnologias disponíveis e das mudanças que estas estão propiciando na área da Educação. Que sirva, também, para incentivar outras pesquisas nesta mesma linha ou aprofundar a presente, permitindo que se faça um efetivo mapeamento desta modalidade de ensino, na área. Concluindo, alerta-se que cabe às IES procurarem se nortear pelos Referenciais de Qualidade do MEC e apostarem no investimento em qualidade dos cursos superiores a distância, pois são estes aspectos que darão garantias ao seu crescimento e à sua manutenção presente e futura.

³Dados disponíveis em: <https://www.unochapeco.edu.br/biblioteconomia/o-curso>



Panorama of distance learning in graduate courses in library in Brazil

Abstract: Lectures on research conducted in order to map the state of the art of distance learning in Brazil, related to the area of librarianship, at the undergraduate level. Traces a brief history of distance education in Brazil, of its earlier roots to the web and rise in other countries. Presents concepts under Brazilian law, institutions and authors in the field, as well as its benefits to the classroom teaching. The proposed research was quantitative and qualitative approach, of an exploratory nature, involving the 35 existing library science courses, in-person and distance. An online questionnaire with open and closed questions, produced by Google Forms tool, was the data collection instrument, which took place between January and February 2015. Of the institutions contacted, 15 responded to the instrument (40% of the total), of these, 13 are connected to public educational institutions and 2 private. Together the Southeast and South amounted to 12 courses (80% of respondents), and other regions accounted for one course each. When asked if the course some platform for distance learning was used, even if only as an aid to classroom teaching, 12 said yes and 3 that do not use. On which platforms were used, research shows the preference for Moodle, with 10 nominations. The other two mentioned platforms were SIGAA and Quantum. It is understood that this research aims to contribute to a better understanding of distance education of librarianship in Brazil and encourage the expanded use of this type of education in the area courses. And that, timidly, the Library is opening for distance learning.

Keywords: Distance learning. Librarianship. EAD. Library graduation

REFERÊNCIAS

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acesso em 15 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 out. 2015.



CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. Contribuições didáticas para o uso das tecnologias de educação a distância no ensino presencial. IN: CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. **20% a distância e agora?:** orientações práticas para o uso da tecnologia de educação a distância no ensino presencial. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

ENSINO a distância no Brasil pode dobrar em 5 anos. **EXAME.com.**, 02 jun. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/ensino-a-distancia-no-brasil-pode-dobrar-em-5-anos>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

GOUVÊA, G.; OLIVEIRA, C. I. **Educação a distância na formação de professores:** viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

HOPER EDUCAÇÃO. O cenário da educação superior a distância. **Bússola educacional;** informativo semanal, 3 jul.2014. Disponível em: <<http://www.hoper.com.br/#!O-CEN%C3%81RIO-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-SUPERIOR-A-DIST%C3%82NCIA/cupd/F0CE6A76-B9AC-44C5-80F4-A2A569B063B7>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

LOBO NETO, F. J. da S. (org). **Educação a distância:** Referências e trajetórias. Rio de Janeiro: Plano, 2001.

MAIA, C.; MATTAR, João. **ABC da EaD:** a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MOORE, M.; KEARSLEY. **Educação a Distância:** uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

NISKIER, A. **Educação à distância:** tecnologia da esperança – políticas e estratégias para a implantação de um sistema nacional de educação aberta e à distância. São Paulo: Loyola, 1999.

PETERS, O. **A educação a distância em transição:** tendências e desafios. São Leopoldo, UNISINOS, 2003.

RABELLO, C. R. L.; HAGUENAUER, Cristina. Sites de Redes Sociais e Aprendizagem: potencialidades e limitações. **EducaOnline**, v. 5, n. 3, 2011.

RUBIO CARBÓ, A. **Educação a Distância em Espanha.** [1998?]. Disponível em: <<http://www.lmi.ub.es/teeode/thebook/files/portugue/html/6spain.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2015.



RUSSO, M. et al. Formação em Biblioteconomia a Distância: a implantação do modelo no Brasil e as perspectivas para o mercado de trabalho do bibliotecário. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.22, n.3, 2012.

TORI, R. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

UNESCO. **Aprender sin Fronteras**: superar las barreras de espacio, tiempo, edad e circunstancias. sd. Mimeo.

URIARTE, L. R. **Modelo de ambiente para orientação a distância**. 2003. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

VALENTE, C.; MATTAR, J. **Second Life e Web 2.0 na Educação**: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec, 2007.

VILAÇA, M. L. C. Educação a distância e tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história. **Revista Magistro**, v.1, n.2, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Informações das autoras

Helen Beatriz Frota Rozados

Profa. Dra. da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação(UFRGS). Conselheira Federal do Conselho Federal de Biblioteconomia – CRB-10/368.

E-mail: hrozados@gmail.com

Andreza Lemke de Souza

Estudante da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS. Bolsista da Secretaria de Educação a Distância (SEAD/UFRGS).

E-mail: andreza204@hotmail.com

